



RESSIGNIFICANDO O ENSINO E A APRENDIZAGEM POR MEIO DE OFICINAS PEDAGÓGICAS: DESMISTIFICANDO O CLASSROOM

Guilherme Antônio Brandi de Oliveira Júnior¹, Roberta Pacheco de Freitas²

¹MOB.E/ISERJ, guilherme.brandii@gmail.com

²GPIDOC/ISERJ, robertapachecodg@gmail.com

Resumo: Este trabalho buscou relatar uma experiência de oficinas pedagógicas virtuais, ministradas por monitores do/discentes, como parte do projeto extensionista Mobilização Educacional (Mob.E/ISERJ), pautada nas reflexões do Grupo de Pesquisa Identidade(s) e Saberes Docentes (GPIDOC/ISERJ/CNPq) a respeito da apropriação, por parte dos docentes, de ferramentas acessíveis ao ensino remoto emergencial, particularmente, a plataforma Google Classroom. Essas oficinas propiciaram aos autores a vivência da docência on-line síncrona, peculiar a este momento pandêmico, enquanto, concomitantemente, contribuíram solidariamente com a formação de outros professores.

Palavras-chave: Google classroom, oficina pedagógica, ensino remoto emergencial, formação docente.

1. Introdução

A Educação não se permite ser cerceada pelas adversidades que permeiam a nossa vida, pois ela não está restrita aos ambientes escolares. A Educação ultrapassa os muros das nossas instituições, fazendo-se presente em todo e qualquer lugar onde o ser humano está. As intempéries ocasionadas pela pandemia do novo coronavírus nos demonstraram isso. A escola, a educação em geral e o ser humano são capazes de se reinventar, quando são desafiados e confrontados.

Nesse sentido, as aulas e demais atividades educativas, do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ), instituição que vem formando professores a mais de cento e quarenta anos, preparando-os para lidarem com autonomia e autoria frente aos desafios de seu tempo, precisaram ser adaptadas devido o regime do isolamento social, alcançando e ocupando os espaços virtuais. Professores, alunos, coordenadores, todo o corpo discente viram-se obrigados a lidar cotidianamente com



ferramentas e interfaces que, para alguns, nunca antes haviam sido utilizadas e, para outros, passaram a assumir um novo tipo de presença em suas vidas.

Os professores, de maneira particular, devido à aplicação de uma política aligeirada e sem sua participação nas discussões (MELO; TOMAZ, 2020), defrontaram-se com uma dupla necessidade: aprender ou aprofundar o conhecimento a respeito dos ambientes virtuais de aprendizagem, assumidos por suas instituições, e ressignificar suas práticas educativas para esses novos espaços. Afinal, a formação que receberam não lhes preparou para esse peculiar momento histórico, bem como a pandemia e suas consequências impuseram-se de sobressalto. Assim, “os docentes, ao receberem uma política de ‘cima para baixo’, foram construindo novos arranjos, na medida em que há uma centralidade na sua ‘figura’, como o responsável do êxito desse processo” (idem, p. 14).

Com o intuito de auxiliar os docentes a ultrapassarem a apropriação técnica e imediatista em sua atuação no ensino remoto emergencial, o Grupo de Pesquisa Identidade(s) e Saberes Docentes (GPIDOC/ISERJ/CNPq), junto ao Projeto Extensionista Mobilização Educacional (Mob.E/ISERJ), elaboraram o projeto “Formação docente para contextos de excepcionalidade”, com o objetivo de viabilizar que professores de diversos segmentos, do ISERJ e de outras instituições, planejem ações pedagógicas mais envolventes e instigadoras, por meio das tecnologias disponíveis. Assim, uma equipe de monitores (licenciandos do curso de Pedagogia), previamente selecionados em edital público, assumiram um protagonismo do/discente, no planejamento e implementação de oficinas pedagógicas virtuais.

2. Experenciando a docência por meio das oficinas virtuais

O encontro do grupo de pesquisa consistia em organizar os monitores em duplas e trazer propostas de oficinas temáticas a serem executadas por meio da plataforma Google Meet, contando com a participação de alguns discentes voluntários e outros convidados externos. As oficinas deveriam utilizar metodologias pedagógicas que aperfeiçoassem o ensino remoto com a utilização de programas, sites ou aplicativos





de fácil acesso, gratuitos e de baixa complexidade. Os temas elaborados pelos monitores despertavam o seu interesse, o que tornou a produção mais significativa, potencializando o envolvimento, estimulando a curiosidade e a colaboração. A colaboração que estamos aqui tratando é a que ocorre entre pares quando planejam criteriosamente uma ação docente, conciliando as subjetividades, os saberes internalizados, a análise do público-alvo e suas demandas, fragilidades, potencialidades e infraestrutura. Tal colaboração articulou a vivência e imersão, ancorando-se em preceitos democráticos e formativos, o que tornou mais efetivo o aprendizado do planejamento e a implementação de ações docentes para outros docentes. Esse processo de idealização permitiu que os alunos, futuros pedagogos, tivessem uma participação mais dinâmica no semestre vigente.

O tema da primeira oficina surgiu da observação da realidade do próprio ISERJ, que orientou os alunos e professores a usarem o Google Classroom, mas foi possível perceber durante as aulas remotas, bem como pela utilização da referida plataforma, a falta de domínio desta interface. Então, vislumbramos que a mesma dificuldade poderia ocorrer em outras instituições e redes de ensino.

Após a percepção dessa demanda docente, os autores deste trabalho planejaram a oficina “Conhecendo o G Suite com ênfase no Classroom” e a implementaram em 02 de outubro de 2020. Esta oficina teve a participação de 15icineiros, dentre os quais, 6 professores pertencentes à outras redes públicas de ensino.

Iniciamos a oficina com uma apresentação geral do G Suite, ancorados no entendimento de que o papel do professor em sala de aula é de um mediador em busca de práticas pedagógicas transformadoras que dialoguem com as crianças e jovens, realizando uma articulação entre o conhecimento e as aprendizagens formais e não formais, na dimensão da reflexão. A ênfase da oficina foi desmistificar a sala virtual do Google. Tal escolha se deu por ser o Classroom o ambiente mais adotado por professores. Reconhecemos que não se trata de um software livre, mas um ambiente privado que pode vir a monetizar de alguma forma os dados dos usuários.



Por outro lado, a emergência fez com que diversos profissionais e instituições migrassem para o modelo gratuito mais intuitivo, sem tempo hábil para se analisar o impacto político da exposição de dados de crianças, adolescentes e adultos. Apesar de reconhecermos a importância dessa discussão, neste trabalho nossa abordagem é sobre as ações desenvolvidas dentro do cenário real e possível, não o ideal.

Retomando o relato da nossa ação do/discente na implementação da oficina, demonstramos a criação e composição de uma sala de aula virtual, até chegar às primeiras postagens de materiais e atividades no Classroom. Pautados no desejo de uma aprendizagem dinâmica e colaborativa, executamos todo o passo a passo, com linguagem acessível, acolhedora e bem humorada, pois entendemos que os professores ali presentes, ocupando o papel momentâneo de alunos, sentir-se-iam mais à vontade para expor suas dúvidas e fragilidades. Também houve conciliação do planejamento com o tempo demandado pelo coletivo, a fim de que as ações pudessem ser replicadas em tempo real. A possibilidade de se replicar as ações enquanto as orientações eram apresentadas pode contribuir para os professores sentirem-se mais seguros na implementação solitária, pois vivenciaram a empiria com o apoio dos autores deste relato.

Antes de encerrar o encontro, compartilhamos um *link* para avaliação. A apreciação foi positiva, como podemos notar no comentário de umaicineira: “Excelente oficina! Muito conteúdo, muita informação, várias possibilidades dentro de um único recurso, o Google Classroom, que nós só postávamos trabalhos feitos e agora vemos o mundo de possibilidades! Muito obrigada pela oportunidade!”.

Após as avaliações e a interatividade integral dos presentes, percebemos a formação das redes pessoais de aprendizagem, que “trata-se de redes confiáveis de pessoas e recursos nas quais podemos buscar apoio e informação, fazer perguntas, respondê-las, aprender com experiências alheias e compartilhar relatos próprios sobre pesquisa-ação” (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2019, p. 322).

Ao final da oficina, os participantes solicitaram que fizéssemos uma continuação, pois apenas 2 horas de duração não foram o bastante para abarcar todas as



alternativas oferecidas pelo Google Classroom. Em vista disso, demos seguimento a oficina no dia 30 de outubro de 2020. Dessa vez, recebemos 19 oficinairos, dentre os quais, 12 professores de outras redes públicas de ensino. Esses dados confirmam que havia a necessidade de apropriação das funcionalidades do Google Classroom por parte de outras instituições.

Na segunda oficina, levando em consideração que alguns dos participantes não estiveram presentes na primeira, recordamos brevemente o passo a passo para a criação de uma sala de aula virtual. Em seguida, concentramos nossa atenção em sugerir pormenorizadamente algumas das diferentes alternativas de atividades a serem realizadas no Classroom, utilizando outras ferramentas e programas do Google, como o Jamboard e o Google Apresentações, por exemplo. Visto que, a partir desses recursos, torna-se possível gerar mais possibilidades de interatividade nas aulas com os alunos.

Devido à brevidade do tempo, optamos por apresentar primeiro, didaticamente, as referidas sugestões. Posteriormente, incentivamos que os participantes criassem alguma das atividades propostas, ao passo que acompanhávamos o desenvolvimento das suas ações. Os oficinairos compartilhavam o *link* das próprias salas virtuais criadas no Google Classroom, para que os demais pudessem conferir suas produções, enquanto alguns ousavam, no decorrer da oficina, exibir suas conquistas por intermédio da apresentação de tela no Google Meet.

O conteúdo desta oficina foi também oferecido aos licenciandos que cursavam a disciplina optativa “Educação a distância”, na qual a proposta pedagógica envolvia a criação de salas virtuais e a mediação destes ambientes, viabilizando a experiência da tutoria. Desse modo, o reconhecimento do protagonismo do/discente reverberou, ampliando o diálogo e as potencialidades, conseguindo alcançar mais um grupo específico e, por conseguinte, ultrapassando o pretendido inicialmente nas oficinas do Mob.E/ISERJ. Foi possível constatar que tal ação do/discente inspirou a autonomia de outros graduandos, levando-os a ousarem em práticas formativas entre pares e voltadas a outros professores.





3. Conclusão

A partir desta experiência do/discente, vivenciada por meio das referidas oficinas, foi possível viabilizar uma rede de troca de saberes, implicada com a (auto)formação e (auto)transformação. Entende-se que “todo processo de elaboração e desenvolvimento abrange um processo dinâmico de transformação, em que a matéria, que orienta a ação criativa, é transformada pela mesma ação” (OSTROWER, 2019, p. 51). O aprendizado destes autores foi trilhado com base no sentir, pensar, agir, refletir, tornar a sentir, pensar, etc., ou seja, um processo crescente de aprendizagem no qual transcendeu à aprendizagem intencional, direcionada. O conceito da aprendizagem casual (LIBÂNEO, 2013) assemelha-se àquilo que foi adquirido ao longo da interatividade, ora entre a equipe e duplas do projeto, ora com os participantes das oficinas. Valorar a convivência, o respeito do tempo de cada um e aprender a se colocar ao lado do outro com uma escuta atenta foram fatores que somaram levando ao sucesso do projeto.

Referências

DUDENEY, Gavin; HOCKLY, Nicky; PEGRUM, Mark. **Letramentos digitais**. 1. ed. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2019.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2013.

MELO, Keite S.; TOMAZ, Adriana. S. L.. Ensino remoto e as contradições no trabalho docente. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 6, p. 12-35, 2020.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. 30. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

